



# TRIBUNA ALIVE

À Biblioteca Pública de Braga

15  
JULHO  
1961

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

### HOMENAGEM, SIM; CONVITE, NÃO!

Por MILTÃO PORTO

Vai a Literatura Nacional em grande azáfama, a propósito de um honroso alvitre que Guedes de Amorim lançou no mercado, através do «S. I.» sobre o grande trabalhador da pena Manuel de Boaventura.

Quando o grupo de minhotos o consagrou na cidade de Barcelos com um banquete de que fizeram parte altas in-

dividualidades da região e a ideia foi expressa durante largo tempo nos jornais do Minho, não houve um escritor que se lembrasse de tornar tal homenagem na verdadeira expressão nacional que então se lhe devia. É que pensaram, naturalmente, que Manuel de Boaventura estava apenas limitado ao seu rincão e a sua obra não tinha aquela projecção invulgar que de facto existe...

Cinquenta anos de vida literária, aliada a uma profissão exaustiva e causticante requer lata cerebração em ambiente de prazer espiritual, que só uma alma sã, bonomica e jovial pode conceber durante meio século.

Manuel de Boaventura, constitua de requintada sensibili-

dade, professor distinto e cuja pedagogia é das mais díficeis — formação de crianças com predisposição diversa no encadeamento das primeiras letras — é, por ordem de merecimentos, um dos maiores representantes de uma raça que não esmorece na vinculada promessa de fazer mais e melhor, outorgando à História infinidade de feitos marcados indelevelmente por todo o mundo.

E ele não se *arrumou* na senda de instuir, antes voou longe, no sentido perene de uma obra que fica gravada em letras monumentais na província do Minho. É Manuel de Boaventura que nos vem contar as lendas curiosas desse recanto português,

Continua na 5.ª página

### No quarto aniversário da posse do chefe do distrito,

#### Foram-lhe apresentados cumprimentos e saudações

O quarto aniversário da posse do sr. António Abranches, no cargo de governador civil, que terça-feira ocorreu, foi assinalado pela presença de inúmeras individualidades de todo o distrito que, às 15 horas, passaram pelo seu gabinete, afim de apresentarem cumprimentos ao ilustre magistrado que, embora doente, não quiz deixar de corresponder aos desejos manifestados pelas Câmaras e por outros organismos, como já é tradicional.

Além de todos os presidentes dos Municípios e de muitos vereadores, vimos nessa manifestação de simpatia ao chefe do distrito, tudo o que no Distrito há de prestigioso e representativo.

Cerca das 15,30 horas, com o gabinete do chefe do distrito repleto de individualidades teve, lugar a apresentação de cumprimentos, que foi precedida pelas saudações dos srs. drs. Francisco de Araújo Malheiro e José Maria Pereira de Castro Ferreira, respectivamente presidentes das Câmaras Municipais de Braga e de Guimarães.

O sr. dr. António Abranches, ainda combalido pela doença que, ultimamente, o

tem obrigado a aturado tratamento, agradeceu aquela manifestação de homenagem de todas as forças nacionalistas do distrito e disse da repercussão moral e política que ela tem, não na pessoa do governador civil, mas sim na do Chefe da Revolução Nacional, essa altíssima figura, de Salazar, a maior que Portugal em todos os tempos tem tido no Governo.

Falou da unidade e da disciplina política como arma

Continua na 6.ª página

### II Festival — Exposição do Vinho Português

Com a presença do sr. Secretário de Estado da Agricultura e outras entidades oficiais, inaugura-se no próximo sábado, dia 15, no Bomfarral, o II Festival — Exposição do Vinho Português, que tanto interesse está a despertar.

Estão presentes as principais casas vitivinícolas e indústrias ligadas à Lavoura.

Durante os 16 dias que dura o certame, haverá exibição de ranchos folclóricos, bandas de música e realizar-se-ão outros divertimentos.

### Comentários

#### União Nacional

O Distrito vive a expectativa que lhe oferece o conhecimento de que está a constituir-se a sua Comissão, aguçada pelo momento particularmente difícil que o País atravessa.

O organismo, dum maneira geral, tem vivido aquém do prestígio e preponderância que devia ter na vida Nacional.

Quanto ao Distrito uma e outra coisa só se adquirem se na escolha a fazer se tiver especial cuidado indo buscar homens que congreguem, que unam, que tenham qualidades de acção e valor, e não aqueles que estão na base de tantos conflitos que geram divisões, que vivem de habilidades para tentar subir, que andam sempre nas pontas dos pés para serem vistos.

É que a hora Nacional exige união e esta só se consegue com homens efectivamente com qualidades, não se esquecendo o sentido de renovação de maneira a chamar a juventude à colaboração.

Mal de nós se pensarmos que só uma geração tem possibilidades de governar o País, pois nesse caso tácitamente concordamos que finda ela tudo se acabou.

Mal maior se a constituição para atendera melindres sem razão cavar uma maior divisão deixando a porta aberta a acontecimentos que serão impossíveis de evitar.

A União Nacional precisa de chamar a si um movimento de exaltação nacionalista, de levantamento de todas as energias e vontades.

Fazemos votos para que os homens escolhidos sejam capazes de realizar esse objectivo.

### Os Criticastros

Há quem viva permanentemente numa atitude da crítica contra tudo e contra todos. Critica-se por sistema, por hábito, talvez até por desequilíbrio fisiológico, isto é, por doença, e, neste caso, irresponsavelmente.

O crítico mais infeliz deve ser contudo o eterno descontente, isto, é, o que se lamenta porque em Janeiro chove e faz frio e continua a estar descontente se em Agosto os dias são cálidos, brilhantes, luminosos.

Há quem seja muito rico, mas, tendo alma de pobre, viva na realidade como um desgraçado, lamentando-se do céu, da terra, da sorte, dos homens e das coisas. Outros, que são ainda mais ricos, porque, embora sendo pobres, dispõem da grande fortuna da saúde, passam a vida a delapidar esse grande bem, regalando-se à farta com a crítica desastrosada do bom-senso, da previdência, da ordem, do trabalho fecundo e criador e da economia. Passam geralmente longos anos, a desbaratar

#### CAPITÃO RUI MENDONÇA

Deste ilustre oficial, que em Angola se tem comportado com distinção, e bravura, recebemos correspondência, folgando sabê-lo de saúde.

energias moças e depois, quando a doença lhes bate à porta, barafustam contra o mundo, estigmatizando a tal sorte uo a indiferença dos patricios.

Há ainda os que, não tendo dado nunca um tostão para uma obra de solidariedade humana, criticam a sociedade a torto e a direito, sonhando com um mundo

(Continua na 5.ª página)

### ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação do número 280)

Cecília e D. Natercia procuravam encontrar-se com as mulheres dos caseiros e as filhas, conversando animadamente sobre coisas domésticas, sementeiras de linhos, enxovais para as que estavam para casar e na curiosidade própria do seu sexo indagavam com promotores dos haveres dos noivos das famílias a que pertenciam e das datas dos enlances. Cecília prometia decididamente dar o seu contributo para a festa e assistir pessoalmente às cerimónias religiosas, porque ás outras seu pai não consentia para que ninguém se melindrassse no caso de alguma vez ter de faltar.

Havia uma, a Maria Luiza,

filha do caseiro da Quinta da Tapada, o Zé Tamegão, rapariga roliça, morena de formas impecáveis por quem Cecília tinha uma grande afeição e simpatia. Da mesma idade, frequentaram juntas as primeiras classes da instrução primária e habituaram-se desde a infância a confiarem-se segredos mútuos e conservando-os no íntimo religiosamente. Inteligente, conseguiu insinuar-se no espírito de Cecília a tal ponto que raro era o dia em que esta não pedia à mãe que a deixasse vir para a casa solarenga brincar juntamente com outras crianças dali perto.

Maria Luiza afastou-se com Cecília um pouco e rubori-

sando-se, com o coração a bater mais apressado, voltou-se para Cecília e pediu:

—A menina Cecília podia ser madrinha do meu casamento. Que alegria eu sentiria se acesse e que distinção daria á nossa festa.

—Mas eu não devo ir Maria Luiza, porque já neguei isso a tua irmã Antónia. E que dirá ela se eu agora parecer no teu casamento como madrinha. Não fica satisfeita e com toda a razão.

—Bem sei que assim é. Mas eu tudo resolvo e tenho a certeza que Antónia não vai levar a mal.

—Isso é contigo. Por mim não o posso fazer sem a An-

(Continua na 5.ª página)

# TRIBUNA FEMININA

## A Mulher perante a Vida

—«Pode a mulher casada, sem prejudicar a unidade do seu lar, viver uma vida profissional intensa?»

Levantamos esta questão que encerra o maior problema da mulher de hoje; e se, para ela, apresentamos o nosso ponto de vista, gostaríamos que as nossas leitoras emitissem o seu. Antecipadamente sabemos da diversidade das respostas. O problema é complexo e está condicionado não só às qualidades morais, tanto da mulher como do homem, mas também à existência de filhos. Um casal sem filhos pode, com boa vontade, resolver este problema sem afectar grandemente a sua unidade, desde que a resolução seja tomada de comum acordo. Mas já um casal com filhos não pode atender só a si mesmo e à sua felicidade pessoal, mas também ao futuro das crianças que lhe estão confiadas, necessitando de uma assistência contínua, de uma pessoa esclarecida que encaminhe os seus passos, prevenindo-as do que as pode prejudicar, limando os seus defeitos, preparando-as enfim, para que, mais tarde, possam ser verdadeiros homens e mulheres, sadios no corpo e no espírito.

Considerando a grave responsabilidade dos filhos, deve, então, uma mulher que, à custa de grandes sacrifícios, conseguiu formar-se, abdicar do seu curso para se dedicar só ao lar?

Uma mulher casada deve-se necessariamente ao lar. Mas, se os seus dotes de inteligência forem excepcionais, se a sua colaboração for muito útil à comunidade, também se deve aos homens. E que fazer? Conciliar. Conciliar, mas como? Por uma actividade equilibrada, pelo uso dos dotes de cultura e inteligência que a elucidarão sobre a atitude a seguir no seu caso. Porque não há uma solução única a adoptar em todos os casos. Em cada um existem múltiplas razões que só a própria conhece e pode considerar.

Sintetizaremos esses casos em três gerais: o da mulher que trabalha por necessidade, o da que trabalha por ideal e a que deixa o seu lugar vazio no lar por egoísmo e comodidade.

A preparação profissional feminina é um meio de valorizar a mulher e torná-la apta a enfrentar as dificuldades da vida. Com ou sem curso, segundo as posses dos educadores, a jovem emprega-se. Desde a humilde operária de fábrica à empregada de escritório e professora, todas a despeito das diferenças de mister, para exercerem a sua profissão têm de relegar para segundo plano a principal função

da mulher, que se realiza no âmbito da sua casa. Acontece-lhes, desta forma, uma dispersão de si mesma, que não afecta grandemente ninguém.

Mas surge o momento de unir o seu destino a um homem. E começa aí o problema. Ele não ganha o suficiente para a sustentar e aos filhos que venham a ter. Poucas são as que reflexionam sobre o caso, mas há algumas que pensam e se encontram perante estas questões: ou se casam e têm de continuar empregadas, em detrimento do lar e dos filhos, ou adiam ininterruptamente a data do enlace na esperança de um aumento do ordenado do noivo, o que seria como a sorte grande, correndo o risco de deixarem a juventude passar e, com ela, as possibilidades de felicidade; ou, ainda, desistem do homem que amam para irem casar, por interesse, com quem não amam.

Reparam na complexidade do problema? Se se casam, prejudicam os filhos que terão; adoptando a solução de esperar, talvez esperem toda a vida sem resultado; casando por interesse, rebaixam a sua dignidade de mulheres.

E então? Então, algumas, impulsionadas pela força do amor, casam sem condições para manter desafogadamente o lar, atidas ao seu emprego e com a ilusão de, quando se tornarem mães estarem em melhores condições financeiras de poderem prestar a devida assistência aos filhos. Mas a maternidade surge e as possibilidades não aumentaram.

Após o mês do parto, a mulher vê-se obrigada a retomar o trabalho. E a criança? A criança fica confiada a alguém de família, à criada ou a um infante. Acaso alguns destes elementos podem substituir plenamente a mãe? Não, ninguém, nem o próprio infante que, se pode tratar o bebé segundo os preceitos clínicos que a mãe presumivelmente desconhece, não pode dar-lhe o carinho maternal e o acolchoado de ternura que ela lhe daria.

O filho, criado longe da mãe, desconhece-a. A mãe que o não acompanhou hora a hora, que não sentiu a sua boquilha rosada sugar-lhe os seios, não sente, também, em toda a sublimidade o sentimento materno.

É certo que o terá nos braços à noite, mas cansada de um dia de labuta e a ter de atender a certos problemas domésticos, talvez ainda com todos os trabalhos de casa a seu cargo, como suprir um dia de afastamento? Resultado: o bebé cresce, conhecendo a mãe por certo, mas sem sentir aquela confiança e união que

## CULINÁRIA

### Bolo Rápido

Dissolver 4 colheres de farinha em meio litro de leite e misturar bem com 4 gemas de ovos.

Juntar-lhe as 4 claras batidas em neve. Despejar numa forma baixa e larga, untada com manteiga e levar ao forno a cozer.

—xx—

Se gosta de modelar barro, saiba que este amassado com glicerina em vez de água produz uma massa húmida e plástica que dura bastante tempo e é melhor para a modelagem.

—xx—

Pó para polir a prata e o níquel. Misturar:—Branco de Espanha muito fino, 100; Sabão tem pó, 20; Borax, 5 grammas.

—xx—

Quer avaliar o seu poder de observação?

Coloque sobre uma mesa uma série de objectos diferentes (12 por exemplo). Olhe-os durante dois minutos. Cobrados em seguida com uma toalha e tente enumerá-los todos.

Este exercício pode servir de jogo num serão com seu marido e seus filhos, ou ainda com as suas amigas.

—xx—

Maneira de lavar os objectos de verga. Nunca aplique sabão. Esfregue-os bem com água salgada quente. Lave-os, em seguida, com água pura, e ponha-os a enxugar ao ar livre.

o faria, se fosse ela a criá-lo, considerá-la o seu refúgio, o amparo, a concretização do seu «eu».

Mas que fazer se não pode ser de outra forma, se, para enfrentar os gastos diários, não há outra solução senão o emprego? Nada; ou tudo. Isto é: aceitar os inconvenientes inevitáveis e fazer um esforço sobre-humano para manter contacto com a criança. Claro que isto exige um extraordinário poder de abnegação e sacrifício, de que nem todas as mulheres se sentem capazes, mas o afecto da criança é recompensa admirável para a mãe dedicada.

Depois dos três anos, os miúdos podem ser confiados a um Jardim Infantil, o que seria o ideal, se o salário dos pais o permitisse. Mas, infelizmente, a mulher que se vê obrigada a trabalhar não pode, na generosidade, dar-se ao luxo de matricular o filho no Jardim Infantil. A operária tem a Creche que lhe permite afastar o filho da rua e pouco mais; mas a empregada nem esse recurso tem, e continua a confiar a criança a uma pessoa que, a despeito de toda a boa vontade,

Continua na 4.ª página

## O amor está em perigo?

Há quem julgue que a mulher moderna, não anseia pelo amor como as donas de tempos idos...

—Hoje a mulher trabalha e tem ambições, não dispõe de tempo para devaneios e romances, afirmam uns.

—A luta pela vida, a liberdade de que goza, tornou a mulher menos feminina, não carecendo dum braço que a defenda, clamam outros.

Penso no entanto que todas estas e ainda outras considerações semelhantes, não indicam em nada que o amor corra sério risco.

As jovens de hoje, com os seus cursos, com todos os conhecimentos indispensáveis à luta pela vida, anseiam pelo amor, da mesma forma que o desejaram as suas avós, que plácidamente aguardaram no recato dos seus lares a chegada do príncipe encantado.

Antigamente a beleza contava muito mais, que nos nossos tempos. Os rapazes viam em geral as raparigas nas janelas das suas residências e assim, só podiam ser atraídos por um belo rosto.

Hoje que a conveniência entre ambos os sexos é muito maior, seja no sector escolar, profissional etc., as menos favorecidas pela Natureza, pode demonstrar a todos a sua personalidade, por vezes muito mais cativante que a beleza própria dita.

Para amor é necessário admirar e não é só a beleza que conta, quando de admiração se trata.

Uma mulher pode ser bela como uma estátua, mas se não alia a esse dom, mais nenhum outro, acabará cansando o seu adorador, dentro de breve tempo.

A instrução, os dotes de coração e inteligência e acima de todos esses dons, a bondade, são absolutamente indispensáveis para manter a chama sagrada do amor, da amizade ou da admiração em nosso redor.

Ao contrário do que muitas afirmam, a época em que viveram as nossas avós, não era tão romântica como à primeira vista pareceu se é certo que poucas casavam com os heróis dos seus sonhos.

Vemos, lendo as obras de Camilo Castelo Branco que tão bem soube descrever os costumes da época em que viveu, que se as jovens persistiam em amar poetas e sonhadores e não aceitavam para maridos os «brasileiros» endinheirados que os pais lhes impunham como maridos, o seu destino era o convento.

Ora a rapariga de hoje,

mercê do esforço que fez para instruir-se, pode contribuir em parte, dentro ou fora do lar, para a manutenção do mesmo assim escolhe livremente o companheiro que lhe agrada, sem cálculos interesseiros, segura de que pode auxiliar o homem que ama a preparar o futuro comum.

Não será esta uma grande verdade.

Talvez, dizem os cépticos, mas o homem de hoje, não se sente o chefe absoluto da casa, como antigamente, quando a esposa e os filhos dependiam exclusivamente do seu esforço.

Se não nos deixarmos levar por teorias, mas sim por resultados práticos, concluiremos que um lar tanto pode ser feliz se as despesas do mesmo forem apenas supridas pelo marido ou pelo casal.

Quando existe amor e perfeito entendimento entre os cônjuges, todos os sistemas são um êxito... Quando sucede o contrário, todos os projectos de cooperação fracassam.

Não existirão por acaso mulheres, que sejam instruídas sem serem pedantes, belas sem serem vaidosas e que ganhem dinheiro, sem amesquinhar o marido desempenhando a par de actividades profissionais o papel de boas esposas.

A falsa ideia de que a mulher submissa, é aquela que está na dependência absoluta do marido, materialmente falando, não tem razão de existir.

Para que a mulher mais bela, mais rica e inteligente do mundo, dependa de um homem, só é preciso que ame.

Quantas rainhas dependeram de vassallos. Quantos senhores dependeram das suas próprias escravas.

A história está repleta de exemplos semelhantes e assim nem é preciso citá-los.

O amor não corre perigo. Corre perigo sim, hoje como ontem, aqueles que ele acorrento.

Hoje, como em todos os tempos, a juventude sonha com o amor, em ter um lar e filhos continuidade.

Não se escrevem talvez cartas românticas, nem preciso porque se convive mais.

Não se contempla durante horas, a janela da casa da amada na esperança de a ver assombrada a ela, porque as jovens de hoje, raramente estão em casa...

No entanto vemos a todo o momento deambular pelas ruas pares de mãos dadas alheados a tudo que os cerca.

Continua na 4.ª página

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

### Correspondência Ofícios

Que no caso em questão a adjudicação não foi feita por concurso limitado, mas sim por ajuste particular, pois o que a Câmara fez foi consultar, por ofícios, alguns empreiteiros considerados em condições de idoneidade técnica para assumir o encargo de realizar os trabalhos respectivos, tratando-se, portanto, de um ajuste particular precedido de consultas que o concurso quer público quer limitado impõe a publicação de anúncios nos quais se convidem os interessados a apresentar propostas. Que a distinção entre as duas modalidades de concursos consiste apenas nos requisitos de admissão dos concorrentes; os requisitos gerais de capacidade que a lei exige para contratar com a administração quando se trata de concurso público ou limitado; ou aqueles mesmos requisitos acrescidos de quaisquer outros que a entidade para a qual a obra vai ser feita entenda estabelecer com vista a garantir certas condições especiais nos concorrentes, ou, simplesmente limitar a concorrência quando assim o reconheça facilitar a apresentação de candidatos ao concurso. Concluindo que no caso em apreço foi nitidamente ilegal o procedimento da Câmara ao contratar a empreitada a que se refere a consulta sem precedência de concurso público; 2.º que tendo sido adoptado o ajuste particular na formação do mutuo consenço necessário à celebração do aludido contrato, não se verificaram as irregularidades apontadas pelo reclamante, visto que, neste regime, a escolha do contraente particular é objecto de um poder discricionário, limitado pelo interesse público; 3.º que embora sem relevância para a questão apreciada, verifica-se que: a) considerando as explicações dadas pela Câmara; empreenda-se que o reclamante tenha sido consultado, dado que só posteriormente houve informações que lhe imputavam insuficiente idoneidade técnica; b) A Câmara mostra-se convencida de que houve, efectivamente desinteresse do dito aclamante. c) qualquer das circunstâncias referidas legitimaria a atitude da Câmara, considerando o que consta de 2 que antecede.

### Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento e tratamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º 78.º do Código Administrativo: de Maria de Lurdes Cerdeira Lopes, de Lago, de José António Soares, de Lago, de Francisco Augusto Fernandes, de Dornelas, de Beatriz Filomena Machado Duarte, de Amares, de Maria de Assunção Malheiro Cardoso, de Lago, de Arnaldo Vieira, de Ferreiros, de Bernardino José da Rocha, de Bouro Santa Marta.

### Requerimentos Diversos

De Delfim Joaquim Petxoto e Sarafim Veloso de Barros, de Rendufe, pedindo que esta Câmara proceda a novo estudo para prolongado ramal eléctrico do lugar de Rio tinto da freguesia de Rendufe até ao lugar dos requerentes.

### Requerimentos de Obras

De Abilio Afonso Aires, de Caldelas, pedindo licença para caiar e pintar o seu prédio sito na Avenida daquela freguesia. Tem informação favorável.

De António José Alves, de Bouro, solicitando licença para reconstruir parte do seu prédio sito no lugar de Dornas da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de freguesia e Zelador Municipal.

De Américo de Jesus Carneiro, de Caldelas, requerendo licença para caiar e pintar o seu prédio sito na Avenida da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de freguesia e Zelador Municipal.

De Manuel Machado (Herdeiros), Caldelas, pedindo licença para caiar e pintar o seu prédio sito na Avenida da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de freguesia e Zelador Municipal.

De José Augusto de Campos, de Goães, solicitando licença para construir um muro no lugar de Cales da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de freguesia e Zelador Municipal.

De Belarmino da Silva, de Bouro, requerendo licença para construir uma casa no lugar de Dornas da mesma freguesia.

(Continua no próximo número)

## Rio de Janeiro

### Casamento

Realizou-se no passado dia 24 de Junho, às 18 horas, na Igreja do Santo Sepulcro em Cascadura, o enlace matrimonial da distinta senhora Julita Clara Buntmeyer, filha do casal snr. Henrique João Buntmeyer e da snra. D. Clara Bertha Buntmeyer, com o snr. João Ataíde Vieira Precioso, filho do snr. José Gonçalves Precioso e da snra. D. Aurora da Cunha Vieira, conhecidos e estimados proprietários da freguesia da Lage-Vila Verde.

Foram padrinhos o snr. Manuel Pires da Silva, conceituado comerciante desta cidade, também nato da mesma localidade no noivo, e sua Ex.ma Esposa snra. D. Belmira da Conceição Oliveira da Silva.

No fim da cerimónia religiosa foi servido em casa da noiva um Cocktail a que compareceram elevado número de convidados, destacando-se a maioria dos colegas do noivo. Aos brindes usou da palavra o snr. Valter dos Santos, em representação dos companheiros.

As maiores bênçãos e felicidades para o novo lar, são os votos sinceros dos amigos e colegas de Tec. H. F. Pinto S/A.

A. M. M.

## A CRIMONOLOGIA

### = E A G. N. R. =

Há anos que temos um posto da G. N. R. e com a sua presença a acção criminosa pode contar-se como extinta. Neste concelho é o que se verifica e talvez seja pela qualidade dos Comandantes do posto, que para aqui se destacam.

Tirar-lhe a sua acção de investigação será aumentar a possibilidade da prática de abusos que outra autoridade dificilmente pode cuidar ou reprimir.

Deve ser facilitada e rápida a investigação e qual é a autoridade sempre pronta, de dia ou de noite, que pode igualar-se ou suplantar a G. N. R.

Creio que os habitantes honestos do concelho agradecerão que as portas do Posto estejam abertas para em qualquer momento receberem o auxílio benéfico da sua tranquilidade e de qualquer direito que lhes possa ser furtado. C.

### Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

### Visado pela Censura

## CAIRES

### Missa pela Paz

Na passada 2.º feira, o Nosso Reverendo Pároco foi ao Monte da Santíssima, com o povo de Caires, celebrar aí uma Missa pela Paz, mandando dizer por uma família devota e piedosa, aí, comungaram as crianças da Cruzada e depois de lindos cânticos, houve a consagração e o Adeus, a Nossa Senhora da Paz.

### Para a França

Para junto de seu marido Alberto José Dias, que se encontra a trabalhar na França, partiu há dias para lá a sua querida esposa Rufina Pinheiro Dias, acompanhada dos seus seis estremosos filhos: João, Maria do Sameiro, Camilo, Palmira, Carminda e Isilda Marília. Deixaram saudades, mas que tenham uma óptima viagem e que lá sejam felizes; e passados alguns anos que voltem sempre bem dispostos, cheios de Saúde, graça e muita massa.

Que Deus os proteja e abençoe.

### Para Lisboa

Para a Capital foram, em demanda de trabalho, o Senhor Fernando José da Silva, e em demanda de saúde, a Senhora D.ª Rosa Maria Veloso Ribeiro, de Ferreiros-Amares, a quem desejamos, a ambos, as maiores felicidades em Deus.

### Doente

Na casa de Saúde, Guilherme Lopes, em Braga, encontra-se, em tratamento, o Senhor António José Gonçalves, do lugar do Roupeiro, desta freguesia, e nosso muito querido e estimado mordomo da Cruz; o seu estado inspira sérios cuidados. Aos nossos leitores rogamos uma prece pelo seu restabelecimento, à Senhora dos Milagres.

### Exames de 4.ª Classe

Alguns meninos e Meninas já fizeram exame de 4.ª classe e saíram-se muito bem, plenamente aprovados. Parabéns a todos e às suas Ex.mas professoras.

### Carreira

A Empreza Hoteleira do Gerês, vai, por estes dias, iniciar as suas carreiras por Caires, e Peredes Sêças, às 3.as, 4.as, e Sábados. É um grande melhoramento.

### Seminaristas

Alguns dos nossos estudantes e Seminaristas, já vem para as férias grandes, no próximo Sábado, sobretudo os de longe... Leiria, coroados

de loiros e glórias. Nós os abraçamos, saudosos.

### Casamento

Hoje, realiza-se o enlace matrimonial da menina Zulmira de Jesus Macedo da Rocha, do Lugar do Freixeiro, com o Senhor José Albino de Sousa, mui hábil serralheiro da Hica, natural de Verimpóvoa de Lanhoso. Felicidades.

### Noivas

Estão a deccrer os banhos das noivas: Amélia de Jesus Fernandes Rodrigues, filha do José Fidalgo, do lugar da Cruz, e os de Maria da Costa Ferreira, filha do Domingos Vilar, abalizados mestres pedreiros locais.

### S. Pedro Fins

Agradecemos de alma e  
Continua na 4.ª página

## ANIVERSÁRIO

Passou no dia 14, do corrente o aniversário natalício o menino Manuel Alberto Lage da Silva, filho de Manuel Joaquim Rodrigues da Silva e de Maria Eugénia Lage da Silva Leite, residente em Algueirão — Lisboa.

Por tão faustosa data seu afilhado e afilhada desejaram-lhe muitas felicidades assim como toda a sua família na companhia de seus pais.

## HUMORISMO

### Anedotas

O verão registará dias tão quentes que os termómetros terão que fazer horas extraordinárias.

\* \* \*

O inverno registará dias tão frios e haverá má visibilidade de dinheiro na carteira.

\* \* \*

Os doentes do coração não deverão ler as notícias da guerra quente ou fria. O que poderão é imitar o famoso cardiaco a quem o médico meteu muito medo, por lhe achar tensão muito elevada: prenderam no pescoço uma chapa com a seguinte legenda:  
Alta tensão! Perigo de morte!

\* \* \*

As pessoas que tiverem pernas de pau estão livres de varizes.

# Grandiosas Festas

## EM HONRA DE NOSSA SENHORA DO FASTIO

A realizar na Freguesia de Dornelas — AMARES  
DE 14 A 23 DE JULHO DE 1961  
PROGRAMA



**Dia 14 a 22** — Às 20,30 realizar-se-há, na Igreja paroquial de Dornelas a novena em honra de Nossa senhora do Fastio — Terço, meditação e benção do Santíssimo Sacramento.

**Dia 22** — De tarde — Dará entrada uma afamada **Banda de Música** — que percorrerá os lugares principais da freguesia.

**À noite** — sairá da Igreja paroquial uma **Procissão de Velas** com o andar de N. Senhora do Fastio, em direcção à sua capelinha sita no mesmo lugar de N. Senhora do Fastio.

**Terminada a procissão haverá concerto pela banda de Música e 1.ª Secção de Fogo**

**Dia 23** — Darão entrada na freguesia duas afamadas **Bandas de Música**.

**Às 9,30** — sairá da Igreja Paroquial uma **Magestosa Procissão** para a capelinha de Nossa Senhora do Fastio, com dezenas de anjinhos e muitos andores ricamente ornamentados, onde haverá missa Campal e Sermão. Terminada a missa recolherá a procissão novamente à Igreja Paroquial onde haverá benção do Santíssimo Sacramento.

**Às 14 horas** — Darão entrada nos coretos as bandas de música para darem os seus concertos.

**Haverá BAZAR e o costumado Arraial Minhoto. Terminando com uma Sessão de Fogo.**

As Festas serão abrihantadas com poderosas amplificações sonoras.

## A mulher perante a vida

Continuação da 2.ª página

não pode dar-lhe o carinho que ela lhe daria e, algumas das vezes contribui para uma educação defeituosa.

As operárias encontram, dia a dia, o seu problema materno resolvido de maneira mais humana com as creches nas próprias fábricas, mas a empregada vê-se ainda na contingência de estar um dia inteiro longe do seu filho, em prejuízo de ambos. Perguntarão:—«Como resolver este caso, se a mulher tem de trabalhar? Não pode levar os filhos para o escritório!»

Sim, não pode levá-los para o escritório, mas podia levá-los para a empresa onde trabalhasse se em todas houvesse creche, e tivesse horários para estar com as crianças. Ou então trabalhar menos horas por dia para poder dar maior assistência aos filhos.

Enquanto não tiver todos os seus problemas resolvidos, a mãe empregada, aqueles que, por necessidade, trabalha fora do lar, deve procurar exceder-se em abnegação, de forma a não prejudicar os débeis seres que estão na sua dependência.

É à mãe que trabalha por necessidade que dedicamos este artigo, a quem fazemos os nossos protestos de inteiro apoio na procura da resolução

## Caires

Continuação da 3.ª página

coração, mui sensibilizados ao nosso grande amigo «UERBA» os versos que nos fez e dedicou ao nosso glorioso S. Pedro Fins, e que vem publicados, hoje e de hoje a oito dias, e que servem de preparação e novena para a próxima romaria e festa grande de Caires no primeiro Domingo de Agosto (6 de Agosto) lá no Alto do Monte. Vamos mandar cair a Capela e fazer alguns melhoramentos para já. Os Maiores esperamos pela abertura da tão desepada Estrada Real.

Aquela altura nos aproxima  
Da fonte pura, da fonte casta  
Manuel do, que nos anima  
Que sempre vivo e jamais se gosta.

A branca ermla cortando o espaço  
Dá-nos idela de que veleja  
Pedro e Jesus estendendo o braço  
Sôbre a procela da sua Igreja.

C.

dos seus problemas. Com esse intuito, pomonos ao vosso dispôr, aguardando que nos apresentem as vossas opiniões, para, em conjunto, encontrarmos soluções para o problema mais difícil da mulher: conjugar a vida profissional com a maternidade.

## O AMOR ESTÁ EM PERIGO?

(Continuação da 2.ª página)

ca, tendo no olhar esse brilho de felicidade, que só o amor proporciona não é assim.

Nos cinemas, nos bailes, nas casas de chá, nas tardes cheias de sol passada na praia ou no campo, encontramos sempre casalinhos jovens que embora vestidos no rigor da moda 1961, fazem planos para o futuro e trocam olhares repassados de ternura como no século passado.

Sempre pensei que não devemos trocar dos enamorados, sobretudo se são muito jovens.

Como poderemos querer que tenham experiência da vida, se ainda não a viveram.

Que sejam sábios e previdentes se ainda não passou por eles o fantasma da desilusão.

Há quem julgue que é preciso adverti-los de todo o mal existente no mundo, para que saibam defender-se do perigo, no entanto a experiência alheia pouco adianta...

A mocidade tem profundamente arreigada a convicção, de que tudo lhe acontece é diferente, aliando a isto a noção de que sabe resolver situações, muito melhor do que as pessoas mais velhas.

Eles não vêm semelhança alguma, em casos análogos aos seus, não se deixam em geral guiar pela voz da ex-

periência.

Se assim é, deixemo-los sonhar e serem felizes, enquanto a felicidade dura...

Não envenenemos a juventude com as nossas dores, as nossas desilusões, a nossa amarga experiência da vida.

Um dia... eles saberão tudo isso, as horas dolorosas chegarão para eles, como chegaram para nós.

Enquanto são crédulos, são felizes, esforcemo-nos para que o veneno da dúvida, se aposse o mais tarde possível, das almas quase sempre bondosas, puras e justas dos adolescentes.

Visado pela censura



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE  
SEGUROS 'DOURO',  
SEGUROS EM  
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo  
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Deseja trabalhos tipográficos  
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À  
MODELAR

Telefone 62113

Amores

Visado pela C. de Censura

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## Antigo Padroado de Rendufe

talvez fiados em que sendo vossa mercê seo subdito, caseiro, muito amigo, e dependente do mesmo Mosteiro, assim julgaria a dita demarcação por sentença, sem que o suplicante o pudesse impedir, nem por meio de suplicações, por se dizer que estava finda esta diligência, e não tinha que lhe deferir; E como a dita demarcação fica errônea e prejudicial à igreja do suplicante, e nos termos expostos sem poder uzar dos meios que lhe competem para mostrar a sua nullidade, por ser feita contra o título que o Suplicante apresentou, e sem título algum da parte do Mosteiro, quer o Suplicante protestar pella dita nullidade e prejuizo, e pela suspeição com que vossa mercê nisso procedeo para poder em juizo competente alegalla a todo o tempo que lhe convier, ou a seus sucessores: como também para nesta materia usar de todas as acçoens que lhe competirem sem jamais aprovar, nem consentir na dita demarcação, e Tombo do dito Mosteiro com sua igreja; mas antes desde já a desaprova, e impugna por este ou por aquele melhor modo que em direito possa ter lugar, e para que assim a todo o tempo conste, quer que o Escrivão do dito Tombo intime o referido protesto ao Reverendíssimo Dom Abade, e Procurador daquele Mosteiro, e portanto fé de que assim o fez, lance tudo no mesmo Tombo copiado, passando depois certidão ao Suplicante, extraída da verba do mesmo Tombo, para a guardar no arquivo da sua igreja, e titulo dela. Pede a vossa mercê se sirva mandar-lhe tomar o dito protesto, e que no mais se proceda na forma requerida, antes que vossa mercê finde o dito Tombo. E receberá mercê.

**Despacho** — Informe o Escrivão sobre o referido — Motta.

**Informação do Escrivão** — Senhor Doutor Juiz do Tombo, o que a vossa mercê posso informar he que em o dia vinte e quatro de Março do presente anno, no sítio da contenda, houve hum requerimento sobre o Reverendo Suplicante se louvar, ou não, em aquele dia em louvado, e foi para isso notificado no mesmo dia para lá se achar com pena de revelia, e achando-se no dito sitio, requereo que para aquele dia não tinha louvado, senão para o dia de segunda-feira, porque o seo louvado era de Palmeira, e não tinha tempo, e que não convina dita demarcação, e protestava por toda a nullidade da demarcação, e que não consentia em balizas postas que não fossem e o lugar que o seo Tombo declara, e que não apresentava o seu Tombo senão para segunda-feira, com o seo louvado; e no mesmo acto requereo o Reverendo Suplicante que toda a demarcação, que se havia feito, fora à vista dele Reverendo Suplicante, e seo Louvado, e do seo Tombo, e informações de informadores; ao que vossa mercê deferio no mesmo acto que se procedesse à dita diligência à revelia, e se louvou vossa mercê a sua revelia por parte do Reverendo Suplicante, e o Suplicado se louvou pela sua parte, e com effeito nesse dia se continuou na diligência à revelia, visto as demoras que tinham havido.

He o que vossa a mercê posso informar, que mandará o que for servido...

**Replica** — Senhor Doutor Juiz do Tombo. A informação do Escrivão não impede o protesto, pois se não podia proceder à rebelia, tendo o suplicante citado no mesmo dia; nem também podia ser feita pelos Louvados José Pedro Fernandes que he pedreiro e não lavrador, e muito amigo, e pedreiro do Mosteiro, e Domingos Garcia inimigo capital do Suplicante, de forma que lhe denunciou hum crime gravíssimo falsamente, e he caseiro do mesmo Mosteiro, e os informadores também são suspeitos por serem caseiros, e dependentes do mesmo Mosteiro. Declara o Suplicante que não só denunciou o dito crime, senão também foi parte o dito Domingos Garcia — Pede a vossa mercê se sirva mandar lhe tomar os seus protestos na forma da sua petição; e também protesta não lhe ser prejudicial aqueles louvados, e informadores. E receberá mercê.

**Despacho:** — Tome — Motta.

**Termo do protesto que fez o Reverendo Suplicante na forma da sua petição, e replica** — Aos sete dias do mês de Abril de mil setecentos oitenta e seis annos em o lugar da Cova que he da freguesia da Santíssima Trindade da Capella, Couto de Rendufe, e casas da morada do Doutor José António da Motta Gomes, cavalleiro professor... apareceu presente o muito Reverendo Padre Pre-

\* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

## Os Criticastros

Continuação da 1.ª página)

perfeito que nos há-de trazer a todos, milagrosamente, sem trabalho, sem inteligência e sem bondade o paraíso da vida sem deveres.

Quereriam eles que o leite corresse das fontes e que o trigo caísse do céu e que a liberdade do mundo fosse apenas medida pela bitola da sua sensibilidade egoísta e primitiva.

São legião os criticastros incuráveis, que vêem tudo negro, trágico, doloroso; julgando-se eternamente maldados. Quão melhor seria que procurassem aperfeiçoar o que não está bem, com calma — embora firme — com gentileza e com carinho, respeitando o mundo e amando a natureza e a vida!

## Visado pela Censura

Estava eu passível, sorrindo frescura;  
Vendo as femininas fingindo candura  
Passeando todas num vai-vém constante  
Entre a ramaria de folhas viçosas  
Mostrando-se todos quais as mais formosas  
Desdenhando sempre a mais cativante.

Tremia-me a vista com os coloridos  
Das travadas saias e largos vestidos  
Que me obrigavam a balbuciar:  
«Oh, meu Deus, como anda a vida;  
Com toda a fortuna delas só cativa  
Muito tem o mundo que se atormentar.

O fraco metal brilha mais que o ouro...  
Para a sedução ter força de toiro  
Não só basta os lábios andar purpureados.  
Nos bolsos das saias flores às mãos cheias,  
Nos tecidos finos lendárias ameias  
Que serão entregues aos glorificados.

São soltas ao vento gargalhadas finas,  
Vozes bem timbradas, frescas, cristalinas,  
Como os trovadores na era passada  
Tinindo alaúde num só tom dolente  
Mendigando à noite sempiternamente  
Um longo suspiro da sua bem-amada.

Volúveis os olhos riscam direcções  
Só impregnados de banais pregões  
(Como as avezinhas no fim de Fevereiro).  
Andam, andam, sempre quase todo o dia  
Ocultando máguas mostrando folia  
Espalhando, alegres, dom de feiticeiro.

E cantando e rindo lá pelos jardins  
Colhendo as rosas cheirando jasmíns  
Vão lançando estrelas de miú vivas cores...  
«Ai, Senhor, Senhor, — dizem elas rindo! —  
Há muito que tenho um sonho tão lindo  
É ser mais formosa que vossas flores!»

«Só procuro a sombra deste arvoredado  
Aqui tenho agrura, tenho o meu folgado  
E vou conversando com as Vossas rosas.  
E se Vós me desses, — ai, Senhor p'ra mim! —  
A beleza toda deste Teu jardim  
Eu seria bela entre as mais formosas?»

E assim eu quando as vejo passar  
Com seus sonhos doidos desfeitos no ar  
Vou pensando então quanto bem seria  
Daquela cambraia, seda e algodão  
A fazer torcidas para o meu serão  
Inflamando a chama feita de ironia...

Cícero Dias

## Homenagem, sim; Convite, não;

Continuação da 1.ª página

nos termos mais castiços da sua linguística e nos ensina como os aldeãos de antanho assimilavam à sua maneira as histórias tristes e alegres contadas à lareira minhota ou nas desfolhadas inesquecíveis da linda região. Tal o seu entusiasmo pelas coisas do Minho que até no já tradicional rancho de Vila Chã a sua mão de mestre ali se sente, em cantares folclóricos ricos de harmonia, entrelaçados por dança característica.

Não é fácil dar a ideia, mesmo imperfeita, do valor incomensurável da Obra contínua de Manuel de Boaventura.

Escritor de garra, magistral contista, paciente investigador, professor probo, folclorista estudioso, foi e é a sua vida pautada por um entusiasmo literário, cujo valor está dis-

perso entre variados jornais, revistas e livros.

São vocabulos, profissões, artesanato, amor, carinho, alegrias, tristezas e repelões, amalgama da existência do minhoto, que trespassam a nossa sensibilidade em arroubos de forma literária inegalável e nos faz reler e gozar com delicioso prazer as páginas transparentes de Vida, que Manuel de Boaventura escreveu durante estes cinquenta annos, registados em 1959 para bem das letras portuguesas.

Sabe o escritor que o conhecemos suficientemente para o julgar indelicado não aceitando a consagração nacional.

Mas sabemos também que muitos há que hoje lhes apetece arranca-lo a Susão, tão perto e tão irmanado com Belinho, juntinhos os dois no mesmo ninho de repouso, sossego e carinho familiar. A similitude entre o Poeta de Belinho e o Escritor de Susão é tão flagrante que difficil se torna retirá-los dos localidades que serviram de farol à sua inegável projecção. E porque sabemos que o illustre (e este illustre comporta tudo quanto a palavra pode abarcar) escritor já foi convidado por proposta a entrar para a Sociedade de Escritores, agora que se pretende homenagear, aqui estamos.

Faça-se a homenagem, proceda-se como se deve, mas nunca convidem o Homem para ele se associar, naturalmente, a um aerópago que pretende prestar-lhe essa homenagem. Se homenagem houvera seria, além do mais, o título honorífico de sócio da Instituição.

Manuel de Boaventura pelo seu íntimo recolhido, pela sua maneira franca de contactar não pode voluntariamente fazer parte de uma assembleia cujas vestes contrastam com a sua humílima Figura.

Deixem Manuel de Boaventura no seu sossego de Susão, embora haja o indeclinável dever moral e intelectual de lhe prestar larga homenagem nacional em que os escritores da nossa terra lhe afirmem o seu preito respeitoso e são, tão respeitoso e são como a alma límpida do grande poeta, cujo estilo inconfundível nos faz remeter ao silêncio superior do encanto permanente.

Por isso se repete: Homenagem, sim; convite, não!

Militão Porto.

## «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

## ROMANCE OU NOVELA?

Continuação da 1.ª página)

tónia mo dizer francamente.  
—Mas então se assim fôr promete?

—Prometo, mas ficas a saber, só á festa religiosa,.

—É o bastante.

Cecília e Maria Luiza foram juntar-se ao grupo de mulheres onde D. Natércia se encontrava conversando animadamente. Dentro em pouco D. António também aparecia acompanhado dos rendeiros. Como já começava a anoitecer despediram-se e encaminharam-se em direcção a casa. Quando lá chegaram esperavam os D. Natália que durante todo o dia tinha ido visitar uma família amiga que residia na freguesia vizinha de Sernardes, pois tinha resolvido ir o mais depressa possível para Lisboa, mas não o queria fazer sem se despedir de determinadas pessoas.

—Então todo o dia na pangeda-disse Cecília a Natália, gracejando.

—É verdade. Um dia inteirinho. Fiz as minhas despedidas e estou agora disponível para emalar as roupas e partir. Acredita que já tenho saudades de Lisboa. O seu movimento, a ida á Baixa vêr as montras, o passeio pelo chiado a exhibir as toilettes, os olhares cubiçosos dos rapazes encostados ás portas dos Cafés, e á noite a Revista, tudo me está a fazer muita falta. A cidade satura, mas a aldeia também.

—E que anciedade eu tenho em a acompanhar. Não há dia nenhum que não sonhe com a minha viagem a Lisboa. Que sonhos eu idealizo?...

—Sonhos de criança. Como eles se desfazem tão facilmente como a espuma do mar. Não esperes senão de-

silusões. E felicissima serias se encontrasses alguém com os dotes necessários para te merecer. És bonita, elegante, rica, e por isso, tens direito a um bom partido como é vulgar dizer-se. Mas não me parece. Não pode haver tudo neste mundo. Riqueza e felicidade ao mesmo tempo é impossível. Deus não permite.

—Mas pelo menos temos de encontrar na vida alguns momentos de prazer e satisfação. Isso me basta. Quando as contrariedades chegarem já estão bem supridas por aqueles instantes de delírio. É a lei das compensações.

—Não há dúvida nenhuma. Há na vida sempre uma compensação, mas desigual, porque o mal é maior do que o bem. Se assim não fosse tolerar-se-iam com facilidade as intemperies da existência e nunca ninguém tocaria os limites do desespero para cair no suicídio ou no abandono completo de si próprio. Quantos entes humanos nós vemos por esses caminhos de bordão e sacola ás costas, esfarrapados a pedir um pedaço de pão para matar a fome e bebendo a água das fontes, que disistiram de lutar na vida, quantos... Para se vencer até ao fim é preciso coragem e ânimo forte.

—Mas porque não possuem esses mendigos essa coragem, esse ânimo. Não compreende. Eu nunca me deixarei vencer pela fraqueza de ânimo e sou uma mulher.

—Não digas isso querida. Todos nós somos susceptíveis de vacilar. E tombamos mais depressa do que julgamos ou por amor ou por quebranto de espírito. Um desengano fatal pode produzir tudo isso, o que se torna

## No quarto aniversário da posse do Chefe do Distrito

Continuação da 1.ª página)

valiosa ao serviço da Nação e dirigiu um apelo veemente a todos para que se reunam à volta dos chefes do Estado e do Governo, devendo ser considerados traidores todos os que não tenham fé nos destinos da Pátria, nem na acção de Salazar.

No final, todos os presentes cumprimentaram o ilustre magistrado, desejando-lhe ao mesmo tempo, o restabelecimento da sua abalada saúde.

necessário sempre é possuir uma consciência, um carácter bem formado e sentimentos nobres. Estas são as armas com que nos defendemos poderosamente contra os ataques da calúnia, da mentira soez e da hipocrisia. Não sei se tens reparado numa coisa, as mulheres que vulgarmente fazem a infelicidade dos lares são aquelas cujo carácter foi moldado pelo misticismo sem primeiro adquirirem a cultura indispensável para o compreenderem e utilizarem. Sem essa cultura a mulher torna-se infeliz por não poder apreciar com prazer a beleza dos dons divinos, como a caridade, o perdão e a renúncia a tudo quanto possa perturbar o socego da sua casa e dos entes queridos. Tornam-se revoltadas e sentem-se bem na vingança e no ódio ás suas vítimas.

Leia, Assine

Publique

«Tribuna Livre»

## ERMIDA DE SAN PEDRO

Ao meu Ex.mo Amigo, Snr. Padre C. Vieira

No pico do Monte  
De San Pedro Fins,  
Que vê o horizonte  
Até aos confins,

Eu, antigamente,  
Via uma capela  
Tão alvinitente  
Quera um gosto vê-la.

Sempre caiadinha  
Ao sol reluzia;  
E mesmo á noitinha  
Inda a distinguia.

Mas não sei porquê,  
De há tempos p'ra cá,  
Já ninguém a vê  
De suja que está...

Por falta d'estima?...  
De cal para ela?  
Só sei que lá em cima  
Não brilha a Capela.

Na festa do Santo  
O povo já fala...  
Preciso é portanto  
Depressa caia-la.

Lá dentro, coitado:  
San Pedro isolado  
No seu pedestal,  
Há muito que espera.  
(Mas isto é quimera)  
A estrada real.

UERBA



RELOJARIA  
MAURÍCIO  
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1930

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

## PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

### Memorial de Montebelo

artilharia, e daqui despediu para Moluco a D. Tristão Manuel e se tornou para a Índia, onde o Governador o deixou em seu lugar uma vez no ano de 1520, indo socorrer a fortaleza de Ceilão que a rainha daquele reino tinha muito apertada; outra no ano seguinte despedindo-o de Samorim, onde fora acompanhado contra el-rei de Cambaia; e com nome de General das Galés e navios de remo o fez ir governar em seu nome; pelejou com Amelique e com grande nome tornou ao Reino onde El-Rei o mandou visitar, reformar e prover as fronteiras da África, onde estavam por capitães em Arzila D. João Coutinho, conde do Redondo, seu primo; em Azamor o conde do Prado que sucedera a D. João Manuel; em Tânger D. Alvaro de Abranches que sucedera a D. Duarte de Menezes; tornando desta comissão, foi eleito em conselho por vizo-rei da Índia, no qual El-Rei D. João não veio (não consentiu) pelo querer para outras coisas de íntima confiança, sobre as quais o mandou por embaixador ao Imperador Carlos V; e depois no ano de 1542 assistiu e tratou de negócios e casamento da Princesa D. Maria com o Príncipe D. Filipe e com ele foi a Castela por seu mordomo-mór, onde, assim do Imperador, como do Príncipe, foi tido em grande estima, e por voto e parecer de ambos foi escolhido por padrinho do Príncipe D. Carlos, o qual, enquanto viveu, o mandou sempre visitar; e, morrendo a Princesa, D. Aleixo ficou por testamenteiro; e no testamento lhe deixou cinco mil reales de renda nas alcavalas de Sevilha; e levando-se o testamento ao Imperador lhe dobrou a quantia; para efeito de possuir estes dez mil reales, habilitou seus filhos.

Morrendo a Princesa e recolhendo-se o Príncipe a um convento, ficou D. Aleixo entregue de toda a sua Casa e do Paço do Príncipe D. Carlos, a qual teve até entregar Valhadolid; e, tornando a Portugal, o quis El-Rei D. João fazer Aio do Príncipe D. João seu filho, o que

ele não aceitou, desculpando-se com tristeza e sentimento da morte da Princesa; e por muitas instâncias, que nisto teve dos parentes e amigos, não se lhe pôde persuadir outra causa. E, quando ao depois sucedeu a lastimosa morte Príncipe, no princípio da sua idade, costumava dizer que, se tivera o cargo de Aio, morreria de sentimento, ou se fora ao deserto viver com o próprio desgosto como o que sentiu D. João Manuel pela morte do Príncipe D. Afonso que morreu em Santarém, correndo com ele as parelhas, da queda que deu do cavalo.

Aceitando-lhe El-Rei esta tão piedosa desculpa, o fez mordomo-mór da rainha D. Catarina, o qual officio serviu até á morte de El-Rei D. João que já o tinha destinado para Aio de El-Rei D. Sebastião seu neto; com esta tenção fez sua Aia a D. Joana de Menezes, sua irmã, mulher que ficou de Bernardo Coutinho, seu primo coirmão, ao qual entregou o Príncipe em nascendo e lhe deu doze donas viúvas que haviam sido mulheres de Fidalgos e Cavaleiros honrados, para debaixo da sua obediência e ordem assistirem ao serviço do Príncipe, afora outras criadas inferiores; e deu ordem a D. Aleixo que corresse com a criação do Príncipe e acudisse ao que importasse; e em seu testamento o declarou por seu Aio, acrescentando que em caso que a Rainha falecesse ficasse El-Rei debaixo da criação dos dois irmãos, e de tutela do Cardeal D. Henrique, até ser entregue do Reino; e assim teve cargo de governo, pessoa, casa de El-Rei, cerrando e abrindo portas, despindo o Príncipe e vestindo-o, e acompanhando-o em todo o tempo e lugar, e sentando-se em uma cadeira rasa nas próprias casas em que El-Rei estava, e cobrindo-se diante dele; tinha também superintendência nos sumilheres que serviam as semanas, e sobre todos os officiais de El-Rei, e no dia que El-Rei tomou entregue do Governo, o acompanhou até á cadeira real que estava em o estrado, e nela esteve encostado, em pé, enquanto se fez entrega dos selos, e sendo-lhe entregues pelo Cardeal seu tio, como respondeu á prática, se virou para D. Aleixo de Menezes e com muitas mostras de amor e alguma sujeição, lhos entregou a ele, os teve na mão enquanto duravam as mais cerimónias.

(CONTINUA)